

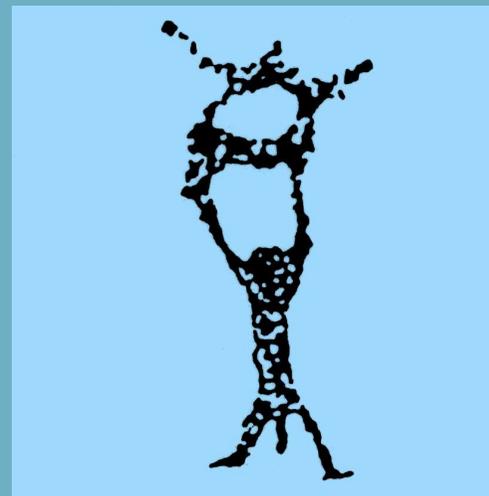
# ACAFA

Nº 4 (2011)  On-line 

## NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO

40 anos depois – A Arte do Tejo  
no seu labirinto...

Depoimento de António Martinho Baptista



Vila Velha de Ródão, 2011

### 40 anos depois – A Arte do Tejo no seu labirinto...

... até que uma equipa do Grupo para o Estudo do Paleolítico Português (GEPP), formada por alunos do curso de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no Outono de 1971, por ali passaram, à cata de seixos talhados disseminados pelas imensas cascalheiras quaternárias dos terraços marginando o Tejo - e a aventura começou.

A história é conhecida, foi contada, escrita e recontada, depois da dica de Paulo Caratão Soromenho sobre umas hipotéticas pedras escritas junto ao leito do rio, frente à antiga estação de caminho de ferro de Fratel. Que o meu querido amigo Eduardo da Cunha Serrão, um homem com uma enorme paciência para aturar os fervores, por vezes desabridos, desse lote de estudantes, nos alertava para nunca deixarmos de mencionar quem afinal nos conduziu à identificação da primeira rocha gravada em Fratel. Pois aqui fica mais uma vez no pórtico desta história a indicação que levou esse grupo de jovens, então entusiastas do Paleolítico, até Fratel, corria o Tejo longe das cotas atuais. Eis aí a primeira rocha, que receberia posteriormente o nº 202

(se bem me lembro) e que desde logo gerou as primeiras celeumas. Era ou não uma representação de *capra ibex*, em estilo muito dinâmico, acentuada e singular curvatura do corpo e cornos arqueados em perspectiva semi-torcida e em aparente associação a figuras circulares simples!?

Do que não havia dúvida é que aquela e outras gravuras nessa rocha e noutras vizinhas, marteladas por picotagens nos grauvaques lisos e dispostos na horizontal, eram de clara feição pré-histórica. Não estive nesse magnético encontro com as primeiras gravuras descobertas no Tejo, após milhares de anos mergulhadas no rio do esquecimento. Mas rapidamente fui captado para essa aventura arqueológica iniciada há 40 anos e que hoje comemoramos como um marco na história da arqueologia pré-histórica portuguesa. E que condicionaria todo o meu percurso de arqueólogo, desde um tempo em que a disciplina era em Portugal uma coisa ainda algo amadorística. E é este um aspecto relevante, porque a chamada "geração do Tejo" é de facto aquela que, pode dizer-se, assinala a passagem de testemunho de uma arqueologia rupestre pré-histórica em moldes pré-científicos para os novos tempos.

## NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO

### 40 anos depois – A Arte do Tejo no seu labirinto...

António Martinho Baptista

Desde a necessidade de criar e aplicar uma sistemática metodológica no estudo de um grande sítio arqueológico, à recolha exaustiva e tecnicamente o mais completa possível de informação sobre espaços e lugares que iriam ficar submersos, tudo se ensaiou: a prospeção exaustiva de vastos espaços e quilómetros de margens agrestes, o inventário e a catalogação de todas as rochas e de cada uma das gravuras (coisa nunca terminada), a moldagem em látex de todos os testemunhos rupestres (um método que nos fora sugerido por Michel Brézillon), a fotografia exaustiva - captada ao metro quadrado, assim delimitado por uma grelha de madeira!!! - a topografia, a importância concedida ao enquadramento arqueológico, tudo isso foi tentado num curtíssimo espaço de tempo, ele próprio quase sempre de aproveitamento militante de férias escolares. Tudo com o pouco mas imprescindível financiamento da benemérita Fundação Calouste Gulbenkian, que nunca é demais relembrar. E tudo isso impôs um novo olhar à arqueologia rupestre em Portugal.

Claro que a equipa era pequena (mas motivada) para tão vasto e rigoroso programa e o 25 de Abril, que aconteceu quase na mesma altura em que a barragem de Fratel fechou as comportas, acabou por dispersar gentes e intenções! Mas muito se fez e, à nossa maneira,

consideramos que colhemos informação suficiente para bem caracterizar arqueologicamente a arte do Tejo (é essa recolha, nomeadamente a moldagem, que ainda hoje alimenta muitos dos estudos que prosseguem sobre a arte do Tejo). E posso dizer que o estudo do Côa é, neste sentido, um claro herdeiro do muito que se ensaiou no Tejo. Certamente porque o estudo da arte do Côa foi sistematizado por dois dos elementos mais persistentes da "geração do Tejo" no estudo da arte rupestre (eu próprio e Mário Varela Gomes). E como as histórias foram muito diferentes nas suas origens, mas também nas suas consequências, a herança do Côa hoje mede-se através de uma nova geração de estudos de arte rupestre, uma disciplina com um renovado interesse e uma infinidade de cultores. O Alqueva é um caso à parte.

*"O Povo Rodense quer registar o seu aplauso e a sua gratidão aos incansáveis amigos de Ródão, Vítor de Oliveira Jorge, Vítor Serrão, Maria Amaral (por Querol), Francisco Sande Lemos, Jorge Pinto (por Pinho), António Martinho, José (Cortez), Amália (Martins), Suzana (Rodrigues) e a todos quantos com eles colaboraram nesta árdua tarefa que resultaria numa conquista de imprescindíveis repercussões para a*

## NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO

### 40 anos depois – A Arte do Tejo no seu labirinto...

António Martinho Baptista

*nossa região e para o nosso país." (jornal "Reconquista", 16 de Setembro de 1972, onde se revelavam as descobertas de S. Simão e do Cachão do Algarve)*

*"Uma mensagem de 40 quilómetros, escrita nas margens do Tejo por homens que viveram há 8000 anos ficará em breve submersa pelas águas de uma nova barragem hidroeléctrica. Para salvar o achado, uma equipa de arqueólogos trabalhou durante dois anos. Mas, para decifrar os sinais gravados nas rochas pelos nossos antepassados, terá de ser usado um computador" ("Arte rupestre afogada no Tejo", por Ângela Caires, in *Século Ilustrado*, nº 1888, de 9 de Março de 1974)*

Logo nas primeiras prospecções, em particular a partir de uma campanha nas férias escolares da Páscoa e outra no Verão de 1972, as descobertas iam-se sucedendo, ampliando consideravelmente o número de testemunhos rupestres, ainda assim muito centrados no sítio de Fratel (Vila Velha de Ródão), que se revelaria afinal uma das maiores concentrações de gravuras do Tejo. Creio que foi Jorge Pinho Monteiro, cuja morte prematura privou a nossa arqueologia de um dos mais conceituados teóricos da nossa geração, quem mais trabalhou nas

primeiras bases metodológicas para o levantamento arqueológico do que a partir de 1972 começou a ser conhecido como o Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo (CARVT). Em princípios dos anos 80 ainda se abalançaria à elaboração de um doutoramento sobre a estação rupestre de Fratel (combinámos então que eu estudaria S. Simão e ele Fratel, e estas eram as duas maiores estações do CARVT, mas isso nunca passaria das intenções), mas morreria logo de seguida e nunca saberemos qual a verdadeira dimensão do seu pensamento sobre a estruturação da arte rupestre do Tejo. O Mário Varela Gomes fez entretanto e muito recentemente, o seu doutoramento sobre a arte do Tejo, mas ainda não o conheço.

Vivíamos então sob o fascínio do pensamento de dois grandes *maîtres à penser* da antropologia e da arqueologia de língua francesa, que eram Claude Lévi-Strauss e André Leroi-Gourhan (teremos sido a última das gerações assumidamente francófonas da arqueologia militante, já que o inglês gradualmente se foi impondo como uma espécie de língua universal entre a ciência ocidental, estatuto que hoje só tem concorrência no mandarim asiático). O primeiro com a descodificação das estruturas mentais e sociais do "pensamento selvagem" entre as sociedades ditas primitivas do nosso tempo, fruto das suas longas

## NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO

### 40 anos depois – A Arte do Tejo no seu labirinto...

António Martinho Baptista

maturações entre os povos indígenas da floresta amazónica; e o segundo, que vinha desde os anos 50 formulando as mais brilhantes sínteses sobre a estruturação da arte paleolítica em gruta, em particular da zona Franco-Cantábrica. "O Pensamento Selvagem" e "O Gesto e a Palavra" eram as nossas principais obras de cabeceira. E eram também os últimos anos dourados do estruturalismo, que está na base da própria organização metodológica que foi sendo afinada no difícil trabalho de levantamento arqueológico da arte do Tejo, que terminaria abruptamente com o encerramento das comportas da barragem de Fratel, quase em simultâneo com a deslumbramento do 25 de Abril de 1974.

*"Temos a noção de que há uma ruptura entre o código cultural dos autores dos petróglifos e o código cultural da nossa sociedade. Tendo em atenção essa ruptura, o único processo de tratarmos este complexo é procedermos a uma análise sistemática, excluindo qualquer critério subjectivo e procurar definir até à exaustão todas as noções que utilizamos. Cientificamente, numa fase de trabalho não se pode entrar*

*no domínio da interpretação." (Jorge Pinho Monteiro em entrevista a Augusto Vilela, "Diário de Lisboa", 5 de Dezembro de 1972)*

*"Vamos aplicar a teoria de que toda e qualquer organização está estruturada, tendo portanto umas certas ligações entre si que se regem por sistemas. Estes sistemas ou restos materiais de antigos sistemas refletem padrões de conduta humana" (Idem, ibidem)*

*"... Pela primeira vez em Portugal serão utilizados computadores na arqueologia" ("Diário de Lisboa, 5 de Dezembro de 1972, na mesma reportagem)*

O último trabalho que até ao 25 de Abril me lembro de ter feito no Tejo foi precisamente a elaboração do grande molde em látex da rocha 155 de Fratel, um dos mais extraordinários painéis decorados do CARVT e seguramente um dos mais emblemáticos da arte pré-histórica em território português. Ajudaram-me então neste trabalho, durante um longo fim de semana em que nos deslocámos de Lisboa ao Fratel, Maria Manuela Martins e Olinda Sardinha. Desse trabalho, que resolvi fazer porque não estava contente com os moldes que tinha feito previamente

## NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO

### 40 anos depois – A Arte do Tejo no seu labirinto...

António Martinho Baptista

dessa grande rocha e que então dividira em vários painéis (para poupar látex!) que, pensávamos e dizíamos, a topografia se encarregaria de voltar a juntar corretamente, existe um filme que passava nas Actualidades da Semana, em projecção no Cinema Império, na própria semana em que os militares revoltados saíram à rua e logo depois caía o regime. Estes documentários filmicos eram então apresentados nos cinemas antes da película propriamente dita, antecipando quase sempre um desenho-animado. Pois a partir da noite de 24 de Abril de 74 a arte do Tejo desapareceria dos ecrãs de Lisboa (e nunca mais vi esse filme!), varrida, como tudo o resto, por uma incontida emoção popular que, súbito, descobre estar a viver o fim de um tempo, o término de uma época que de sopetão nos cai no regaço, momentos únicos que marcaram a fogo toda uma geração de portugueses que tiveram a felicidade de viver esses dias de brasa!

E nos meses seguintes a arte do Tejo, que lenta e definitivamente fora engolida pelas águas do Fratel, volta de novo a cair no esquecimento. Nas ruas, o turbilhão da agitação social não era, claro, o melhor caldo de cultura para a reflexão arqueológica. A equipa que coordenara e afincadamente trabalhara no estudo da Arte do Tejo, para além de eu próprio, Jorge Pinho Monteiro, Francisco de Sande Lemos, Maria de los

Angeles Querol, Vítor Serrão, Maria Manuela Martins, António Carlos Silva, entre outros colegas de faculdade, e a que entretanto se juntara Mário Varela Gomes, dispersava-se - e convém não esquecer a ajuda preciosa do entusiasta rodense Francisco Henriques, o "bacaninha", e o ainda muito jovem João Caninas, ambos aqui iniciados nas lides arqueológicas. Quase simbolicamente éramos *coordenados* por Eduardo da Cunha Serrão, um gentleman quase fora de tempo, com uma inultrapassável nobreza de espírito e cuja maior glória era, dizia-se, ter sido o introdutor em Portugal do método de escavação em quadrícula e, conseqüentemente, da análise das estratigrafias arqueológicas *in loco* (é que havia quem as descobrisse em gabinete!). Mas que ele, simpaticamente, dizia ter entrevistado a coisa num livrinho de Sir Mortimer Wheeler que descobrira na montra de uma livraria londrina *en passant* num fim-de-tarde. Esta modéstia, num homem finamente inteligente, uma espécie de Clark Gable saído de uma tela dos anos 30 ou 40, ainda hoje me puxam à emoção... pois é de todos sabido que tive uma relação muito estreita com o Eduardo da Cunha Serrão, que se tornaria para mim quase um pai espiritual. E é claro que a maior glória arqueológica de ECS foi ter sabido coordenar o bando impetuoso que acabou por realizar o magnífico trabalho de salvação arqueológica da arte do Tejo!

## NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO

### 40 anos depois – A Arte do Tejo no seu labirinto...

António Martinho Baptista

O Tejo e o Côa preservam e sedimentam dois vastíssimos e magnos livros, cujas páginas petrificadas concentram os mais importantes testemunhos da linguagem simbólica da nossa pré-história. E consequentemente da história mental das sociedades que os produziram. Distribuída entre os dois rios, mais de 25.000 anos de uma gramática das formas que constitui o incontornável legado gráfico do homem pré-histórico em território português. No Côa, pelo menos desde o Gravettense, inicia-se um ciclo rupestre cuja tradição, aqui, se irá prolongar até aos derradeiros milénios do Magdalenense, prosseguindo ainda no Azilense, momento em que, pode dizer-se, vai fenecer a Grande Arte do Paleolítico, já caracterizada por testemunhos não figurativos e completamente abstratos. Alguns dos melhores exemplos deste período tardi-glaciar estão no Vale de José Esteves, cuja rocha 16 assume, no contexto da arte do Côa, uma particular importância. Por isso a seleccionámos para ser replicada no actual Museu do Côa. Entretanto, é nesse período que parece iniciar-se o notável ciclo Holocénico do Vale do Tejo, com esse exemplo maior que é a rocha 155 de Fratel, cuja originalidade no contexto da nossa arte rupestre nunca é demais realçar. Mas assim também os grandes painéis densa e

obsessivamente gravados do Cachão do Algarve, cujo afogamento ainda hoje constitui para mim uma história sinistra. E os grandes momentos da arte do Tejo são Neolíticos e Calcolíticos, terminando eventualmente já na Idade do Bronze. E o episódio final da nossa arte proto-histórica regressa ao Côa, com as milhares de incisões maioritariamente da IIª Idade do Ferro que se dispersam pela região envolvente da foz do Côa. Aqui se sobrepõem muitas vezes aos mais antigos filiformes Magdalenenses, tão típicos também desta mesma região onde o Côa penetra o Douro.

Valerá a pena destacar o testemunho singular e absolutamente único (até ao momento) que é o cavalo Gravettense do Ocreza, a única gravura claramente paleolítica no aro do complexo rupestre do Tejo. A sua tipologia, ordenamento espacial e técnica de execução não deixam lugar a grandes dúvidas, o seu local de implantação é admiravelmente escolhido, é uma marca do Côa implantada no Tejo, obra de um imigrante talvez à procura das fontes de sílex, ou até a desbravar novos caminhos a Sul, que neste mesmo período chegariam até ao Escoural, onde há representações do mesmo período. Não quero deixar de chamar a atenção para a importância que esta gravura hoje assume no âmbito da revalorização da arte Gravettense, a mais típica do período

## NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO

### 40 anos depois – A Arte do Tejo no seu labirinto...

António Martinho Baptista

antigo da Arte do Côa e cujos testemunhos se alongam entre o Alto e Baixo Sabor, o Douro, o Tua, o Águeda, o Zêzere e o Ocreza. Com o epicentro no Vale do Côa e os derradeiros testemunhos a Sul, no Escoural, o único já não em ambiente de ar livre, mas de gruta. Ora todos estes testemunhos do mais antigo período artístico em território português, marcas derradeiras do nosso primeiro *império artístico* e todos com um inconfundível ar de família (as suas características foram por mim definidas noutros textos), deveriam hoje ser classificados como Património da Humanidade, enquanto extensões do Vale do Côa, à semelhança do que já se fez com Siega Verde, no Águeda castelhano.

Este imenso livro, que conta com muitas centenas de páginas, foi decorado por gerações de artistas, que começaram por ser caçadores-recoletores, viraram agricultores e pastores e acabaram como guerreiros portadores de armas de ferro, estes os expoentes últimos já de uma sociedade heróica e senhorial. São exemplos magníficos do experimentalismo social, do ordenamento de poderes e dos contratos sociais que se foram ensaiando nos derradeiros milénios da nossa pré e proto-história.

Dois exemplos similares nas suas situações de jazida, Côa e Tejo, os nossos dois mais importantes testemunhos de arte pré-histórica, mas dois modelos diferentes de aproveitamento dos recursos patrimoniais regionais, fruto da agitação dos tempos e de decisões políticas sempre polémicas. A arte do Tejo foi afogada nas últimas semanas de estertor do velho Estado Novo. A arte do Côa foi salva nos anos de pujança relativa da jovem democracia portuguesa. Isto devia dizer-nos tudo sobre a relatividade da tomada de decisões políticas e de como isso afeta a nossa vida e cidadania.

O Vale do Côa, que hoje é uma *marca* fortíssima no contexto regional (e até já internacional), tornou-se o maior fator de desenvolvimento de uma das mais deprimidas zonas do *hinterland* português. O Museu do Côa é a obra derradeira (no tempo) de um projeto que começou por ser uma, ainda que aguerrida, batalha arqueológica, e se transformou no principal projeto-âncora daquela região do Alto Douro. O Vale do Tejo, ainda que mais perto dos centros de decisão política e até do centro geográfico nacional, escondeu quase completamente os testemunhos magníficos da sua grande arte Holocénica.

## NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO

### 40 anos depois – A Arte do Tejo no seu labirinto...

António Martinho Baptista

Estamos a comemorar os 40 anos da revelação da arte do Tejo e os 20 anos da descoberta da arte do Côa. Compare-se o que se fez em 20 anos na região do Côa a partir da salvação das gravuras e o que não se fez ou a custo se faz no Tejo com o afundamento da sua arte rupestre. Entre estes dois tópicos está toda a importância que uma decisão política de fazer ou não uma barragem pode acarretar para toda uma região. Ou a diferença entre a engenharia de um grande projeto de cultura e a engenharia de um singular empreendimento hidro-elétrico.

Na conferência de imprensa que deu após a sua visita ao Vale do Tejo em inícios de 1974, graças a um apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, Emmanuel Anati, que então era apresentado como "o último discípulo do Abade Breuil", afirmou: "Se o homem pré-histórico fez oferendas ao deus das águas para que o leito do rio subisse de nível (Anati defendia esta tese como a principal motivação dos gravadores taganos), seria bom que, pelo menos uma vez por ano, a albufeira da barragem pudesse descer - permitindo que nas suas margens se realizasse um autêntico festival de cultura, que ali atrairia, sem dúvida, todos os grandes arqueólogos e historiadores do mundo" (transcrito do "Diário Popular" de 22 de Fevereiro de 1974). Este sonho não foi até agora realizado no Tejo, mas podemos dizê-lo teve a sua realização já

em Foz Côa. Queiram as gentes do Tejo seguir agora as pisadas do que, contra ventos e marés, conseguimos construir ao redor da arte rupestre do Côa...

Alguns títulos da imprensa da época:

"Descoberta em Fratel nos bancos xistosos da margem do Tejo numa extensão de 1700 metros, importante estação de arte rupestre", Diário de Notícias, Novembro de 1971

"Fratel o fascínio da escrita na pedra", A Capital, 12 de Fevereiro de 1972

"Ródão (Fratel - Perais) Museu mundial de arte rupestre", Reconquista, 16 Setembro 1972

"A maior estação do Mundo de arte rupestre descoberta em Ródão", Época, 19 de Setembro de 1972

"Tejo submerge civilização multimilenária", A Capital, 1 de Outubro de 1972

## NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO

### 40 anos depois – A Arte do Tejo no seu labirinto...

António Martinho Baptista

"Vale do Tejo. Viagem à Pré-história", Diário de Lisboa, 8, Dezembro 1972

"O Complexo de Arte Rupestre do Tejo será submerso pela albufeira do Fratel", Diário de Lisboa, 22 de Julho de 1973

"Figuras rupestres do Vale do Tejo a inundar pela barragem de Fratel estão a ser reconstituídas por um grupo de jovens arqueólogos", República, 7 Setembro 1973

"Um Tesouro Pré-histórico vai "afogar-se" no Tejo!", República, 13 Novembro 1973 ("um tesouro imenso de arte pré-histórica" fora uma das expressões que Emmanuel Anati utilizara para classificar a arte do Tejo, após a sua visita a Fratel em inícios de 1974)

"Nas margens do Tejo. O homem "afoga" a sua história: um incalculável tesouro de arte rupestre vai ficar submerso", Diário Popular, 22 de Fevereiro 1974

"Arte rupestre afogada no Tejo", O Século Ilustrado, nº 1888, de 9 de Março de 1974

"Barragem do Tejo inunda Museu de 8.000 anos", Notícias de Lourenço Marques, 14 Março 1974

António Martinho Baptista

Arqueólogo

Diretor do Parque Arqueológico do Vale do Côa/Museu do Côa  
Ex-Diretor do Centro Nacional de Arte Rupestre (CNART)

## NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO

40 anos depois – A Arte do Tejo no seu labirinto...

António Martinho Baptista



Momento de convívio após jantar na Pensão Castelo (1972). Da esquerda para a direita: Francisco Sande Lemos (de costas), Manuela Barthélemy González, António Carlos Silva, Helena Afonso, Luis Raposo (em pé), Maria de Los Angeles Querol (sentada) e António Martinho Baptista (fotografia cedida por *Maribel* Martinez Navarrete).



António Martinho Baptista, no Tejo.